



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Resenha de <i>Freud: an Intellectual Biography</i> , de Joel Whitebook
Autor/a	Virgínia Costa
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 5, Campinas, 2021
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4242

Formato de citação sugerido:

COSTA, Virgínia. “Resenha de *Freud: an Intellectual Biography*”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 821-827.

RESENHA DE *FREUD: AN INTELLECTUAL BIOGRAPHY*, DE JOEL WHITEBOOK

Virgínia Costa*

Resenha de *Freud: An Intellectual Biography*, de Joel Whitebook (Cambridge: Cambridge University Press, 2017. 492 páginas).

Joel Whitebook tem concentrado seus esforços em trazer novamente a psicanálise freudiana para o centro dos desenvolvimentos da Teoria Crítica. Neste contexto, a sua produção da biografia intelectual de Freud indica sob quais aspectos a teoria freudiana está sendo retomada à luz de alguns dos debates atuais nos domínios da psicanálise e filosofia – a saber, a procura pela representação da “ausência da mãe” nos escritos de Freud; e o seu pertencimento ao Esclarecimento ou ao Contraesclarecimento.

Tais lentes empregadas na releitura de Freud justificam a produção de mais uma biografia do autor. Mesmo com excelentes exemplares que abordam a vida do vienense (como os de Ernst Jones, Peter Gay, Adam Phillips e Elisabeth Roudinesco), é justamente na versão escrita por Whitebook que a necessária retomada freudiana no momento de maior debate sobre estudos feministas se realiza de forma exaustiva e mais completa. A segunda onda de movimentos feministas (com nomes como os

* Pós-doutoranda pela UFES, bolsista Capes. Contato: virginiahelena.costa@gmail.com

de Madelon Sprengnether, Juliet Mitchell, Nancy Chodorow, Jessica Benjamin) denunciou como Freud reservou à mulher um papel passivo, sentimental, irracional, obscuro, mutilado, invejoso, secundário em relação ao desenvolvimento masculino concebido como padrão norteador. O que teria feito a teoria psicanalítica freudiana ocupar uma posição dupla no embate pela libertação feminina, pois aspectos menos evidentes (ou não oficiais) da teoria freudiana são também considerados bases para o desenvolvimento de uma psicanálise feminista.

Por mais que no campo da filosofia seja no mínimo duvidoso que aspectos da teoria de um autor sejam revisitados a partir de acontecimentos pessoais, Whitebook reivindica sua posição de analista ao produzir um entrelaçamento entre vida e obra. Seguindo nesta via, a explicação para que a figura feminina apareça apenas sob raros traços mal rascunhados na teoria de Freud é encontrada na biografia deste, especificamente na fase pré-edípica de sua vida, momento da ligação mãe-bebê.

Biograficamente, Whitebook nos revela a condição específica da vivência pré-edípica de Freud: a relação terna com o seu pai, Jacob, não furtou Freud de um distúrbio familiar promovido pela depressão e “morte psicológica” da mãe Amalie, decorrente do prematuro falecimento de Julius, irmão mais novo de Freud. Neste contexto, “indivíduos que sofrem da síndrome da mãe morta frequentemente recorrem a uma intelectualização exacerbada e se tornam envolvidos em uma busca compulsiva por explicações. Quem se encaixa melhor nessa descrição que Freud?” (p. 60) É especialmente importante a desconstrução do mito idealizado da figura da mãe de Freud, que, na verdade, teria

sido impulsiva, distante, infantil, insensível, autocentrada, dependente, tirânica. Além disso, Freud também teve de sofrer a perda de sua “segunda mãe”, a babá, que desapareceu misteriosamente, sem grandes explicações fornecidas ao pequeno Freud, que tinha, então, dois anos e meio.

Psicologicamente, Freud teria dissociado ou cindido de sua mente as vivências pré-edípicas. Para tanto, sem uma figura materna confiável que forneceria proteção, cuidado e amparo, Freud teria desenvolvido precocemente seu Eu. E passou a desvalorizar um tipo de vivência que ele considerava “feminina”, caracteristicamente passiva, dependente, emocional, irracional, imoral. “Além dos preconceitos misóginos da cultura do *fin-de-siècle*, fatores pessoais serviram para gerar o ‘repúdio à feminilidade’ de Freud. (...) Freud tomou a passividade e o desamparo que experienciou diante de sua poderosa, incontável e assustadora mãe e os projetou nas mulheres em geral.” (p. 75) Com isso, Whitebook denomina a racionalidade freudiana de “falologocêntrica”, isto é, relacionada a um logos masculino, hostil, cas-trador, controlador, disciplinador e ameaçador, vinculado ao pai na fase edípica. Não que características de gênero sejam essencialmente desta forma, mas “*ele pensava que eram*” (p. 75).

Foram em suas relações subseqüentes com Martha, Fliess e Jung que uma parcela do desamparo, insegurança e passividade de Freud alcançou um caminho de expressão: “Em um padrão que Freud mais tarde repetiria em sua relação com Fliess, as cartas de Martha se tornaram um ponto focal de sua angústia de separação” (p. 187). Já Jung, representante do Contraesclarecimento na psicanálise, não via problemas em conceber o fantasi-

oso e mitológico, prevalecendo em sua teoria vivências do período pré-edípico – como os temas da unicidade pulsional, narcisismo, regressão, onipotência, magia, todos elementos vinculados às psicoses. Diante disso, Freud se viu obrigado a pensar em tais questões, desenvolvendo concepções como desamparo, perda, luto, união, separação, narcisismo primário. É nesse contexto que é abordado o segundo tema da biografia, quando Freud é movido a assumir abertamente seu posicionamento a favor do Esclarecimento vinculado à ciência. Mas, Freud o faz mediante o “Dark Enlightenment”, isto é, uma cientificidade focada no oposto da racionalidade, no inconsciente.

Conceitualmente, Whitebook ampara suas análises em autores como Cornelius Castoriadis, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e principalmente Hans Loewald. No capítulo 5 da biografia, Whitebook desenvolve certos parênteses teóricos onde expõe a sua hipótese de leitura, fortemente influenciada por Loewald, de um Freud oficial e outro não oficial, posições que elucidam ao menos três dimensões da teoria freudiana: a relação entre Eu e realidade, o funcionamento da psique a partir da busca do prazer e a concepção de maturidade psíquica.

Na leitura de um Freud oficial, a figura central é assumida pelo pai no complexo de Édipo, momento de hostilidade, violência e oposição em que o pai se torna o veículo do princípio de realidade. O posicionamento do Eu seria, portanto, essencialmente defensivo. O modelo de satisfação prazerosa segue o princípio de constância (vinculado à pulsão de morte), em que a tensão pulsional é sentida como desprazerosa, mobilizando, num clímax, uma descarga que retorna as energias psíquicas aos

níveis mais baixos possíveis. A síntese interna do Eu ocorre por exclusão do que causa tensão, o que promove controle interno da psique. É instituído um *ethos* científico de dominação da natureza que se traduz em antagonismo em relação à realidade externa e interna.

Já a leitura de um Freud não oficial, isto é, de temas presentes na teoria freudiana não suficientemente desenvolvidos, tem como centro a relação da criança com a mãe no período pré-edípico. São concebidas noções como amparo e separação sem hostilidade, vinculando a realidade à reconciliação e a tensões sem violência, uma vez que a diferenciação seria decorrente de uma união prévia. O Eu promove a pulsão de vida ou Eros (a constituição de unidades cada vez mais complexas por inclusão), sua função não sendo primordialmente de defesa, controle ou dominação, mas de síntese, flexibilidade, articulação, comunicação, criação, desenvolvimento e relação entre as instâncias, culminando em maior circulação de conteúdos psíquicos e enriquecimento do Eu. Baseado em *Além do princípio do prazer* e *O problema econômico do masoquismo*, o Freud não oficial propõe um outro modelo de satisfação que não seja por descarga, mas um prazer na própria tensão pulsional, relacionada mais à diferenciação qualitativa (sentida como variação rítmica e periódica de energia psíquica) do que à economia pulsional quantitativa. Prioriza temas do narcisismo primário, a análise da estrutura psíquica a partir da metáfora de Roma e o sentimento oceânico, ambos retratados em *O mal-estar na civilização*.

A proposta de Loewald, seguida por Whitebook, é que não haja a preponderância de uma leitura “paterna” ou “materna” da

teoria freudiana, mas que suas versões oficial e não oficial seriam complementares e deveriam ser integradas para que, em conjunto, possam dar conta dos múltiplos aspectos da relação com a realidade.

Em vista disso, formulamos a nossa única crítica à biografia. Concordamos com boa parte do posicionamento de Whitebook relativamente ao texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* (1895): nele predomina o ponto de vista do prazer como redução de tensão por descarga energética, sendo seu vocabulário essencialmente constituído de explicações quantitativas relacionadas ao princípio de constância ou inércia psíquica. Mas discordamos abertamente do autor, para quem “Assim que o *Projeto* foi finalizado, ele se tornou obsoleto.” (p. 308) É de se considerar que o resgate deste texto é produzido principalmente pelo *French Feminism* lacaniano, distante do debate norte-americano e britânico onde se insere Whitebook. Contudo, por mais controverso que seja, relegar tal texto somente à concepção oficial de Freud constitui uma falta, uma vez que toda a sua temática se concentra no período pré-edípico – algo que uma biografia que pretende redescobrir a “ausência da mãe” nos textos de Freud não poderia ignorar. Pois o *Projeto* é um dos poucos momentos em que Freud desenvolve hipóteses sobre recém-nascidos em suas interações com a função materna (denominada *Nebenmensch*), retratando a mãe como introdutora de conteúdos da objetividade ao bebê, o que permite o seu desenvolvimento cognitivo e racional. Além disso, ao ser a figura materna aquela que retira o bebê do desamparo (algo que posteriormente Freud transferirá para a função paterna), a mãe inau-

gura o desenvolvimento dos “motivos morais” no bebê – o que permite toda uma reconfiguração da religiosidade, cientificidade, finitude e moralidade na teoria freudiana. Assim, seria de se esperar que ao menos uma análise mais pormenorizada do *Projeto* figurasse na biografia freudiana publicada por Whitebook.

Por fim, ressaltamos como a obra revela ser primordial no desenvolvimento de concepções sobre gênero e psicanálise ao se mostrar fiel à biografia freudiana, ousada na interpretação teórica do autor e corajosamente conectada com a realidade social e teórica atual: “Estamos, portanto, em posição de enfrentar ‘o repúdio à feminilidade’, tanto clínica como culturalmente, de uma maneira que Freud, o patriarca do século XIX, não podia.” (p. 626) Whitebook não deixa de considerar as limitações do pensamento freudiano, por mais que, para isso, empregue concepções não oficiais de Freud contra ele mesmo. Por outro lado, o livro também é peculiarmente profícuo para leitores interessados no intercâmbio entre psicanálise e Teoria Crítica, dialogando principalmente com concepções dialéticas da teoria de Theodor W. Adorno: a proposta de releitura freudiana não oficial conceberia um momento de tensão reconciliadora que falta à leitura psicanalítica promovida por Adorno, complementar ao momento dialético de diagnóstico social crítico relativo à dominação hostil (como má síntese) na relação do Eu com a realidade psíquica e objetiva.

Recebido em 14/09/2020

Aprovado em 23/08/2021